

ARENDRT, JOÃO CLÁUDIO. *QUADROS BERLINENSES: POESIA. BERLINER BILDER: GEDICHTE. TRADUÇÃO DE SARITA BRANDT. CAXIAS DO SUL, RS: MANECO, 2013.*

Denise Lima Santiago Figueiredo¹

Licenciado em Letras Português/Alemão, Mestre em História e Doutor em Linguística e Letras, o professor da Universidade de Caxias do Sul, João Cláudio Arendt, ao longo de 2011, fez seu pós-doutoramento no Instituto Latino-americano da Freie Universität Berlin. Na condição de intelectual emigrado, sentiu e, com a escrita poética, retratou, não apenas a cidade e algumas de suas especificidades históricas e culturais, mas também a essência das mudanças estacionais, dando destaque ao outono.

João Cláudio não é iniciante no universo literário. Afeito à linguagem poética, com *Plural da ausência*, foi premiado em 2008 no 42º Concurso Anual Literário de Caxias do Sul (RS), e o mesmo título, em 2009, foi publicado com o selo da Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederauer, e, em 2013, esteve na lista das obras literárias que faziam parte do vestibular da Universidade de Caxias do Sul.

Em *Quadros berlinenses*, sua mais recente publicação poética, o autor traz trinta e três poemas, publicados, em 2013, no Brasil e em Berlim, paralelamente. Mesmo sendo fluente na língua alemã, Arendt deixou as traduções para a intérprete Sarita Brandt, que, assumindo com competência os versos em *Berliner bilder*, não demonstrou preocupação somente com aspectos linguísticos, mas também efetivou uma tradução a partir da busca igualitária por compreensão mútua.

A obra é iniciada por um pré-texto, em que o escritor expõe suas primeiras impressões sobre a estada na capital alemã na condição de pesquisador, e fala também das marcas deixadas por suas influências literárias, em uma solitária percepção da cidade, nos aspectos social e cultural. Em se tratando das composições poéticas, é possível perceber uma variedade de poemas e suas diferentes construções métricas e rítmicas, mas certamente o destaque é dado na orquestração dos *haicais*, conduzidos por Arendt com maestria.

¹ Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. Email: deniselsantiago@gmail.com.

É sabido que o *haikai* é uma forma poética muito cultivada no Japão. No Ocidente, a literatura japonesa remonta a livros de viagem. E com a expansão do colonialismo europeu, a admiração por esse tipo de literatura, chegou ao ápice nas últimas décadas do século XIX. Segundo Paulo Franchetti (2008), pesquisador da área de Teoria Literária, quando se trata especificamente do Brasil, a primeira menção positiva ao *haikai* deve-se a Afrânio Peixoto: “Num volume de 1919, intitulado *Trovas populares brasileiras*, assimilando a forma japonesa à trova popular” (FRANCHETTI, 2008, p. 258). Quanto à primeira apropriação do *haikai* na literatura brasileira, esta se deu pela vertente modernista que mantinha ligação com a literatura do começo do século. Foi Guilherme de Almeida, nas décadas de 1930 e 1940, que tornou o *haikai* conhecido no país pelos seus escritos, e tratou de adaptar o terceto de origem japonesa às necessidades formais da tradição poética brasileira, colocando título e rimas.

Em seu livro, Arendt traz títulos e algumas rimas às suas composições, e, seguindo a tradição japonesa, seus *haicais* aparecem como registro direto da sensação e do sentimento e como forma adequada ao momento presente. Em *No Cemitério de S. Mateus*, se tem o exemplo dessa adaptação aos moldes de Guilherme de Almeida: “Inscrito no chão/ Com folhas mortas, o epitáfio:/ Aqui jaz o verão”. Em *Uma passante* não passa despercebido o rápido instante do acontecimento e a sensível percepção do poeta: “Alheia ao rumor das folhas/ que se desprendiam dos galhos,/ passou por mim, e se foi...”. E ampliando a dimensão do poema, como no *haiku*² japonês, o poeta inclui o *kigo*³, estabelecendo, na comunicação com o leitor, a referência ao outono através dos plátanos, com a peculiaridade de suas folhas na estação outonal: “Não sei por que acho,/ mas parecem borboletas/ as folhas dos plátanos”.

Segundo Franchetti (2008, p. 264), o que permite caracterizar um poema breve como *haikai* “não é a forma externa adotada pelo poeta, mas sim uma determinada atitude discursiva que o poema deve fazer supor ou manifestar”. Sendo assim, tem-se em *Quadros berlinenses* percepções instantâneas por meio das atitudes discursivas. Mesmo naqueles tercetos em que a métrica não aparece notadamente como nos tercetos japoneses, o sabor do *haikai* se faz presente com a habilidade do escritor, reveladas em sensações concretas, visualmente: “Desgrenhada e torta,/ uma árvore; e duas cadeiras/ sentadas à porta”, ou auditivamente: “A primeira neve do ano/ a martelar na janela/ produz acordes de piano”.

² 俳句 (haiku) é a nomenclatura utilizada no Japão.

³ Se trata de um elemento representativo para informar ao leitor em que estação do ano o poema foi escrito. Uma referência sazonal. GOGA, H. Matsuda; ODA, Teruko. **Natureza – Berço do Haikai**: Kigologia e antologia. São Paulo: Empresa Jornalística Diário Nippak, 1996.

Em todo o livro, a poesia dos escritos de João Cláudio está não apenas nas tomadas métricas, rítmicas ou sonoras de suas composições, mas na própria carga de experiências vividas e percebidas pelo poeta, visíveis nos versos que trazem a estreita relação com a urbe: “Quero despir-te inteira/ antes de fazer tranças/ em tua loura cabeleira”, em tantos versos com alusão à morte, ou ao período de destruição implacável, como *Em Schsenhausen*, ou ainda naqueles que mostram a beleza dos detalhes cotidianos, que partem da cultura berlinense para associar o burocrático ao bucólico, na união do título com o teor, como em *Angemeldet* - “Desde o verão passado,/ que o pássaro mora/ na Rua das Árvores, nº9”.

Quadros berlinenses consegue unir dimensões intuitivas a percepções apoiadas no conhecimento sócio-histórico-cultural do poeta. Os poemas transcendem o fazer poético do escritor experimentado. Parecem basear-se na lógica que serve não somente para os *haicais*, mas para toda esta obra de Arendt: reunião de coisas simples, com palavras simples, o que traz encantamento. Ou ainda, nas palavras do poeta Henry David Thoreau (2010, p. 109) em *Walden*: “Simplicidade, simplicidade, simplicidade!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FRANCHETTI, Paulo. O Haicai no Brasil. *Revista Alea: Estudos Neolatinos*. Rio de Janeiro, vol.10. n.02, julho/dezembro 2008.

GOGA, H. M.; ODA, T. *Natureza – Berço do Haicai: Kigologia e antologia*. São Paulo: Empresa Jornalística Diário Nippak, 1996.

THOREAU, Henry David. *Walden*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre: Editora L&PM, 2010.

Enviado em: 17/11/2017

Aceito em: 30/03/2018